

OS REMANESCENTES DE ESCRAVIZADOS NA COMUNIDADE CIRIACO EM ESPERATINA-TO

Luiz Felipe Matos Nunes da Rocha¹, Kedma Santana Souza², Thaylon Fernandes de Carvalho³, Paulo Hernandes Gonçalves da Silva⁴

¹Estudante do Curso Técnico em Agropecuária do IFTO - *Campus* Araguatins. Bolsista. e-mail: luiz.rocha5@estudante.ifto.edu.br

²Acadêmica da Licenciatura em Ciências Biológicas do IFTO - *Campus* Araguatins. e-mail: kedma.souza@estudante.ifto.edu.br

³Estudante do Curso Técnico em Redes de Computadores do IFTO - *Campus* Araguatins. e-mail: thaylon.carvalho@estudante.ifto.edu.br

⁴Doutor em Letras e docente do IFTO - *Campus* Araguatins. Orientador. e-mail: paulohg@ifto.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Esclareça-se que, de acordo com APA-TO (2023), a comunidade remanescente de quilombo é um conceito político-jurídico que tenta dar conta de uma realidade extremamente complexa e diversa, que implica na valorização de nossa memória e no reconhecimento da dívida histórica e presente que o país tem com a população negra. Busca-se compreender os aspectos de formação sociocultural da Comunidade de Remanescentes de Escravizados Ciriaco em Esperantina-TO.

Logo, a expressão "remanescentes de escravizados" refere-se aos descendentes e grupos que ainda hoje vivem em comunidades que foram criadas ou que tiveram origem em comunidades de escravos fugitivos, conhecidas como quilombos. Estes grupos, que também podem ser chamados de quilombolas, são os herdeiros de uma história de resistência e luta pela liberdade (COEQTO, 2014).

Assim, este trabalho se justificou no universo das ações do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do Campus Araguatins do IFTO, em que as questões étnicas no fez ver a problematização e contemporaneidade a partir de dimensões histórico-culturais que caracterizaram a institucionalização da identidade e território daquele povo. E por isso, propõe-se vislumbrar a historiografia, por meio da fenomenologia junto ao povo quilombola do Ciriaco.

2 OBJETIVO

Apresentar resultados parciais de investigação sobre a formação da comunidade quilombola do Ciriaco em Esperantina-TO, a partir da remanescente de escravizados, com base em pesquisa articulada por meio do Edital nº 28/2025 do Programa PIC/IFTO/CNPq - PIBIC-Ensino Médio.

3 MATERIAL E MÉTODOS

As pesquisas bibliográficas e fenomenológica, foco deste trabalho, e considerando a perspectiva de Silva e Menezes (2005), tem a sua relevância reconhecida quanto ao estudo das relações sociais, levando-se em conta principalmente a pluralização da vida em sociedade que tem como consequência as relações com respeito às diferenças. No que tange às ciências sociais e educacionais, é fundamental esclarecer que existe um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

Por isso, desenvolveu-se pesquisa com visão ampla e suas inter-relações no que diz respeito aos aspectos sociais, políticos e culturais, especificamente quanto à sua condição de indivíduo remanescente de comunidade quilombola. Assim, conforme Prodanov e Freitas (2013), levou-se em consideração dois itens principais: a) localização da comunidade pesquisada por meio de texto e mapa; e b) abordagem sobre a conceituação de comunidade quilombola com texto e fotografia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Localizando a Comunidade do Ciriaco

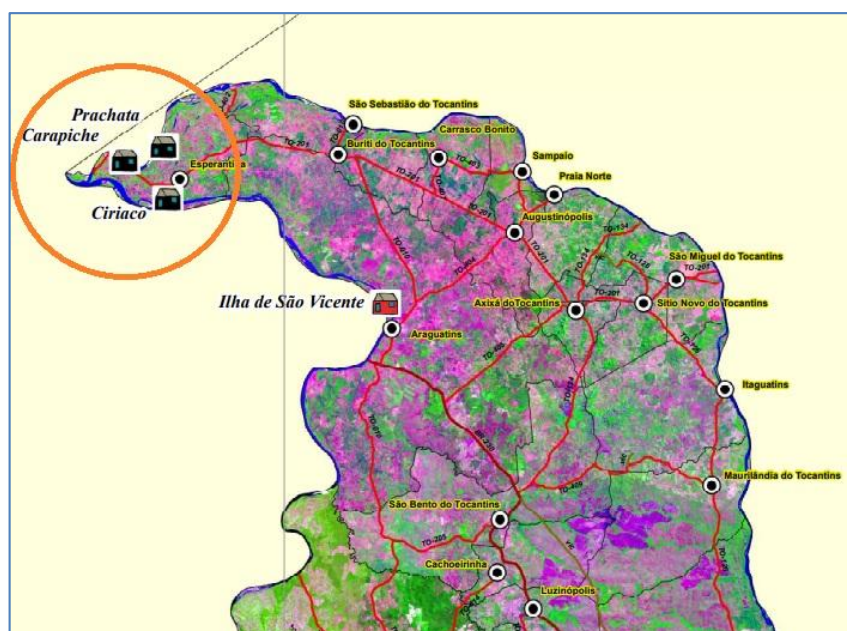
Evidencia-se que Esperantina é um município localizado no extremo norte do estado do Tocantins, entre os rios Araguaia e Tocantins, na área geográfica denominada "Bico do Papagaio", entre os paralelos 5°10'06" S e 45° 41' 46" W. Fica distante 680 km da capital do Estado, Palmas. Ocupa uma área de 504,02 km² de transição entre domínios de natureza de significativa

biodiversidade, representados pelo cerrado e pela floresta amazônica. Ao lado de São Sebastião do Tocantins, é o município tocantinense mais ao norte. Atualmente, segundo IBGE (2022), possui população de 7.530 pessoas, Densidade demográfica de 14,88hab/km² e IDH municipal de 0,570.

O município foi criado em 5 de outubro de 1989 e instalado em 1 de janeiro de 1993. Sua emancipação política ocorreu em 10 de fevereiro de 1991, através da Lei Estadual nº 251/91. Sua povoação começou por volta de 1974, quando chegaram a esta região os senhores Felipe da Silva Ribeiro e Vitoriano da Silva Ribeiro, os quais se agradaram do local e fixaram residência à margem da “Lagoa da Cota”, rodeada de terras férteis e viçosas, devolutas do Estado de Goiás na época. Por ser uma região rica em caça, pesca e próspera para agricultura, atraiu moradores de outras regiões – Maranhão, Pará, Piauí, Alagoas e Bahia (Esperantina, 2024).

A figura 1 abaixo mostra a localização das comunidades quilombolas no município de Esperantina, região do Bico do Papagaio Tocantinense:

Figura 1 – Comunidades quilombolas no Bico do Papagaio



Fonte: COEQTO (2014)

Por sua vez, historicamente, ainda para Esperantina (2024), com o índice cada vez maior de povoação, passou a ser chamada de “Centro de Pedro Souza”, depois “Centro dos Mulatos” devido à grande quantidade de descendentes de índios e negros que habitavam o lugar, o qual em 1980, já contava com trinta ranchos de palha. Após o desmembramento oficial do município de São Sebastião do Tocantins, Esperantina atingiu um surpreendente desenvolvimento, tendo como primeiro Prefeito o senhor Deumar Alves dos Santos, que administrou de 1993 a 1996.

Como se observa, desde o seu início, ainda como povoado, comumente chamado de Centro, já recebia a nomenclatura relacionada à questão étnica e racial, perceptível na nomenclatura “Mulatos”. E assim, outro ponto importante dentro da questão sociocultural, tem-se o povo quilombola do Ciriaco, que segundo Almeida (2019), firmou-se, em Esperantina, surgindo como resultado da migração de pessoas negras do Maranhão, antigo norte do Goiás e baixo Tocantins, para a região do médio Tocantins, no início do século XX, em busca de terras e oportunidades, advindas a partir da abolição da escravatura em 1888, e se consolidando nas primeiras décadas do século XX.

4.2 Uma abordagem sobre Comunidade Remanescente de Quilombos

Para Ipatrimônio (2002), as comunidades quilombolas são, de modo geral, comunidades oriundas daquelas que resistiram à brutalidade do regime escravocrata e se rebelaram frente a quem

acreditava serem eles sua propriedade. Estas aglomerações remanescentes de quilombo se adaptaram a viver em regiões por vezes hostis. Porém, mantendo suas tradições culturais, aprenderam a tirar seu sustento dos recursos naturais disponíveis ao mesmo tempo em que se tornaram diretamente responsáveis por sua preservação, interagindo com outros povos e comunidades tradicionais tanto quanto com a sociedade envolvente. Seus membros são agricultores, seringueiros, pescadores, extrativistas e, dentre outras, desenvolvem atividades de turismo de base comunitária em seus territórios, pelos quais continuam a lutar.

Logo, a se entender a cultura e o território, de acordo Stuart Hall (2006), não como acumulação de realizações de uma civilização nacional, tampouco propriedade de indivíduos ou grupos sociais. E por isso, enquanto processo estratificado de embates, lutas por significado, ganha notoriedade entre grupos engajados na luta contra o racismo. Dessa forma, para Miller (2007), a cultura remete a estratégias pelas quais sujeitos fornecem sentido e vida para si próprios diante da realidade.

A figura 2 que segue demonstra momento de interação do grupo de pesquisa com a referida comunidade do Ciriaco:

Figura 2- Visita à Comunidade Ciriaco



Fonte: Pesquisa de campo (2024)

Destaca-se na figura 2, memórias de visita realizada no dia 28 de dezembro de 2024 à comunidade para discussões e alinhamento de futuras pesquisas com o seu povo. A relação da natureza, plantas e animais, e principalmente, com o Rio Araguaia, que passa à margem da aglomeração configura-se como elemento identitários dos seus moradores.

Por outro lado, à luz da história, conforme Gomes (2003), devemos estar atentos às nossas próprias atitudes e comportamentos, buscando identificar e confrontar nossos preconceitos inconscientes. Por meio da educação, da conscientização e do diálogo aberto, podemos desafiar os estereótipos, desconstruir os sistemas opressivos e construir um futuro mais justo para todos, e neste caso, a historiografia do povo do Ciriaco será a estratégia para trabalhar contra o racismo estrutural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a pesquisa evidenciou que as comunidades quilombolas do Bico do Papagaio, assim como em outras regiões do Brasil, são formadas por descendentes de pessoas escravizadas que buscaram refúgio e autonomia em áreas remotas. No caso específico do Ciriaco, compreendeu-se que possui uma longa história de resistência contra a violência e a exploração, buscando garantir seus direitos territoriais, culturais e identitários com o solo tocantinense.

Conclui-se que a luta por direitos territoriais das comunidades quilombolas é uma questão de justiça social, que envolve o reconhecimento da história e da identidade, e por isso, precisa-se ratificar que os remanescentes de escravizados são grupos étnico-raciais que se autodefinem como descendentes de pessoas escravizadas que fugiram ou resistiram à escravidão, e portanto, são a história viva do entorno de Esperantina-TO.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação do Grupo de Pesquisa “CES em Ação” do Campus Araguatins do IFTO, bem como aos seus membros, por nos permitir uma prática interdisciplinar. Somos gratos também à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PROPI) do IFTO pelo fomento e apoio a esta investigação, por meio do Edital nº 28/2025 do Programa PIC/IFTO/CNPq - PIBIC-Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cristina de Sousa Fonseca. **Comunidade Remanescente de Quilombo Ilha de São Vicente/Tocantins**: história de lutas, conquistas e conflitos. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 2019.
- APA-TO. **ONG Alternativas para Pequenas Agricultura no Tocantins**. Comunidade quilombola Ilha de São Vicente, em Araguatins (TO), aguarda conclusão de processo de regularização territorial; conheça a história do quilombo. 2023. Disponível em <https://www.apato.org.br/comunidade-quilombola-ilha-de-sao-vicente>, Acesso em 15jul2025.
- COEQTO. Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Tocantins. **Comunidades Quilombolas do Município de Esperantina, Caderno Nova Cartografia (2014)**. Disponível em https://www.coeqto.com.br/arquivos/08-comunidades-quilombolas-esperantina_compressed.pdf Acesso em 12ago2025.
- ESPERANTINA, Prefeitura Municipal de. **Histórico da cidade. 2024**. Disponível em <https://www.esperantina.to.gov.br/noticias/60>, acesso em 10ago2025.
- GOMES, N. L **Cultura negra e educação**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, Ago, 2003.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Município de Esperantina**. 2022. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/esperantina.html>, Acesso em 12jun2025.
- IPATRIMÔNIO - Patrimônio Cultural Brasileiro. **Esperantina – Quilombo Ciríaco**. Fundação Cultural Palmares. 2002. Disponível em <https://www.ipatrimonio.org/esperantina-quilombo-ciriaco>, Acesso em 11ago2025.
- MILLER, D. **Consumo como cultura material**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, 2007.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.
- SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis, SC: UFSC, 2005.